

Contribuições da Comunicação e da Educação diante da desinformação de jovens estudantes em sala de aula¹

Viviane ONGARO²
Monica FANTIN³
José Douglas Alves dos SANTOS⁴

RESUMO

Diante da complexidade do fluxo comunicacional, estudos demonstram a dificuldade de jovens identificarem as diversas facetas da desinformação. A partir de pesquisa de doutorado de abordagem qualitativa com aplicação oficinas sobre a temática da desinformação e questionário elaborado a partir do Quadro Europeu de Competências Digitais (DigComp), buscou-se um mapeamento sobre as competências midiáticas e digitais, além da compreensão de como um grupo de quatorze jovens estudantes com idade entre 14 e 21 anos, pertencentes a instituições públicas e privadas de Curitiba e Região Metropolitana consomem, compartilham e produzem conteúdos verdadeiro/falso. A oficina contribuiu ainda como proposta pedagógica para abordagem da temática da desinformação em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia-educação; cultura digital; desinformação; competências midiáticas; jovens estudantes.

A DESINFORMAÇÃO EM QUESTÃO

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Comunicação e Educação 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Jornalista pela Universidade Tuiuti do Paraná, UTP e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Paraná, UFPR. Docente nos cursos de Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda), Marketing e Tecnólogos do Centro Universitário UniOpet. Pesquisadora da temática de mídia-educação e desinformação. E-mail: jornalistavivianeongaro@gmail.com

³ Professora Titular do Centro de Educação atua no Curso de Pedagogia e no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Doutora em Educação UFSC Brasil/UCSC Itália, fez Pós-Doutorado em Estética no Departamento de Filosofia da Università Cattolica del Sacro Cuore, Milano. Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte, NICA, UFSC/CNPq. Pesquisadora da Red Alfamed Brasil. E-mail institucional: monica.fantin@ufsc.br

⁴ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC. Pedagogo e mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Pesquisador do Núcleo Infância, Comunicação, Cultura e Arte (NICA) e do Coletivo Tecendo: cultura arte educação. Escritor e Editor-chefe de Zensacionalista. E-mail: jdneo@hotmail.com

O interesse pela temática da desinformação ganhou notoriedade nos últimos anos em todo o mundo. Nas eleições norte-americanas em 2016 e 2020 e no Brasil em 2018 e 2022, presenciamos linchamentos virtuais e presenciais, cancelamentos, discursos de ódio camuflados em direito à liberdade de expressão, ataques contra minorias, descrédito em relação à ciência, ataques à democracia e o crescimento preocupante de ideologias de extrema-direita encabeçando uma infinita lista de danos causados pela proliferação de informações infundadas.

Batizada popularmente de *fake news*, a desinformação embora não seja um fenômeno inédito, ganhou mais força com o acesso às tecnologias digitais e suas plataformas que permitem uma proliferação rápida e em grande bloco de notícias/informações. Tendo como aliado os algoritmos ou as “caixas pretas inescrutáveis” (SILVEIRA & SILVA, 2020, p. 14) empregados pelas *big techs*, o perfil do usuário é traçado, baseado em escolhas e informações fornecidas gratuitamente e que dão o retrato fiel das mentes, crenças e desejos, desenhando o perfil das “bolhas” e criando um solo fértil para polarizações (SANTAELLA, 2019, p. 17). Sendo que “muralhas em rede” (BUCCI, 2019, p. 61) são formadas e a neutralidade fica em segundo plano.

Entretanto, o termo *fake news* não consegue esgotar conceitualmente o fenômeno que envolve os sujeitos e suas próprias crenças/convicções sem fundamentos, inserindo-os em “bolhas” e reduzindo o alcance ao debate livre de ideias. A desinformação (*misinformation*) se configura num termo mais adequado por não reforçar as “notícias falsas”, o que poderia ser confundido com a prática jornalística, e sim evidenciar o excesso de conteúdos disseminados de forma proposital e errônea via redes sociais.

Escolhida como a palavra do ano, em 2018, pelo dicionário digital Dictionary.com, a palavra “*misinformation*”, surge como sentido de intenção de desinformar. Assim como pós-verdade, é uma nova terminologia que surgiu a partir do advento das redes digitais podendo ser definida como: “uso de comunicação por pessoas ou grupos mal-intencionados com interesse em disseminar e distribuir informações inverídicas e fatos mentirosos, confundindo a opinião pública e desvirtuando o direito à informação, à plena liberdade de expressão e aos processos democráticos legítimos”. (ONGARO, 2023, p. 65)

Vale destacar que discussões em torno do combate à desinformação são frequentes em todas as partes do mundo. No Brasil, o Projeto Lei/PL 2630 movimentou o meio político e social numa disputa que envolve a regulamentação das redes de um lado, cujo objetivo se alicerça num possível combate à informações infundadas que circulam pela rede, e de outro os interesses que giram em torno das gigantes corporações tecnológicas (*Big Techs*). Hoje estas corporações possuem praticamente o monopólio da informação online (*Google, Amazon, Apple, Meta e Microsoft*) e ao discursarem sobre o fornecimento de um serviço gratuito, omitem ao usuário seu maior interesse econômico: o uso irrestrito de dados.

Destaca-se que a regulamentação das redes, embora necessária, não é efetivamente a única alternativa no combate à desinformação. Desde a popularização das tecnologias digitais, ao final do século XX, se discute por todos os setores da sociedade a necessidade do desenvolvimento de competências para o uso das redes de forma consciente, responsável e que crie um ambiente de proximidade de povos, troca de experiências e conhecimentos e, sobretudo, melhorias na qualidade de vida da população.

Embora a escola seja responsável pela formação de crianças e jovens, parece que nem sempre esta à altura de interpretar tal realidade e promover as mediações educativas necessárias. A pandemia de Covid-19 evidenciou não apenas o aumento da desigualdade econômica, social e digital entre os povos, como também a importância das tecnologias digitais no cotidiano da humanidade, já que “neste século XXI (...) são outros os corpos e as subjetividades que se tornaram necessárias. “(...) Novos modos de ser e estar no mundo que emergem e se desenvolvem respondendo às exigências da contemporaneidade (...)” (SIBILIA, 2012 p. 47).

Além da falta de acesso às tecnologias e às redes, discrepância evidente entre sociedades ricas/pobres durante a pandemia, a preparação dos próprios docentes ainda deixa a desejar já que necessitam de uma formação inicial e continuada voltada a desenvolver uma competência midiática de educar *para/sobre* as mídias, *com* as mídias e *através* das mídias” (FANTIN, 2012, p. 438). Embora o Brasil e demais países da América Latina, através de suas lutas frente aos regimes ditatoriais, tenham assumido um papel estratégico neste sentido, políticas públicas de formação de docentes, bem como a inserção curricular da mídia-educação ainda são insuficientes.

Percebe-se uma lacuna entre a realidade sociotecnológica da sociedade do século XXI e o conhecimento ofertado pelas instituições de ensino. Em pleno século XXI os estudantes convivem cotidianamente com um “*menu curricular*” (TUFTE & CHRISTENSEN, 2009), que se tornou obsoleto numa sociedade na qual os estudantes são mediados pelas redes virtuais (*Twitter, Facebook, WhatsApp, Instagram, Tik Tok, LinkedIn, Pinterest, Snapchat, Youtube*, entre outras), e na qual a mídias ocupam boa parte do tempo de suas vidas.

Aliada às novidades tecnológicas surgidas e utilizadas nos últimos anos numa velocidade jamais vista (entre eles o 5G e próprio metaverso), com as IAs (Inteligências Artificiais), a escola foi colocada mais uma vez em xeque dando visibilidade à necessidade de uma educação midiática que envolva competências digitais, posturas éticas e o entendimento crítico. Afinal, ao habitar virtualmente mundos e contemplar elementos virtuais e paisagens reais os estudantes perpassam por transformações instantâneas na composição das linguagens humanas (SANTAELLA, 2013), navegando entre o verbal, o visual e o sonoro, numa verdadeira malha híbrida que afeta as constituições como sujeitos culturais com novos hábitos e laços sociais.

Sendo assim, o salto quantitativo e qualitativo promovido pelas tecnologias da informação e da comunicação no século XXI faz com que seja necessário a compreensão dos fenômenos atuais e o entendimento sobre a complexidade comunicacional e o predomínio do espacial sobre o temporal (CEVASCO, 2001), evitando-se uma visão unilateral sobre as transformações, pois “uma das coisas mais lastimáveis para um ser humano é ele não pertencer a seu tempo. É se sentir, assim, um exilado de seu tempo” (FREIRE, 1984, p. 14).

Nessa perspectiva, a proximidade entre os campos de conhecimento da Comunicação e da Educação é fundamental para potencializar a formação de crianças, jovens, professores e comunicadores de modo a capacitá-los para atuarem na perspectiva da cidadania em uma sociedade altamente midiaticizada. É o preparar para o aprender a produzir/valorizar as informações proporcionando e elaborando conhecimentos do presente e do futuro ao contrário de apenas reproduzir saberes do passado. (PÉREZ GÓMEZ, 2015, p. 80)

EDUCAÇÃO MIDIÁTICA

Discussões em torno de uma educação midiática não são novidade, mas se tornaram o foco da atenção de pesquisadores a partir da proliferação incontrolável e contínua desinformação que pode colocar em risco, inclusive, a própria democracia. Estudiosos como Buckingham (2011, 2012, 2021), Borges & Silva, (2019), Fantin, (2006, 2012, 2016), Férres & Piscitelli (2015), Rivoltella (2005, 2020), Scolari (2018, 2019), entre outros) já alertavam há anos sobre a transformação educacional advinda da cultural digital enfatizando a importância não só o domínio técnico das ferramentas tecnológicas, mas, a compreensão crítica dos meandros que envolvem o ecossistema da comunicação e desinformação.

Embora discussões, sugestões e caminhos a serem percorridos tenham surgido, essa não é uma tarefa das mais fáceis. Muitos são os desafios a serem enfrentados pela escola que se vê pressionada a criar ambientes/momentos que possam discutir e analisar a vasta gama de (des)informações que chegam a todo momento via *smartphones*, *bots*, *androides* e outros equipamentos manuseados com primazia pelos jovens (pelo menos no que tange o domínio de funcionalidade). Isso para se dar sentido a diversidade de temas que fazem parte do cotidiano dos estudantes, criando e gerando conhecimento e outras práticas (PRETTO & BONILLA, 2014), na busca de currículo aberto, flexível e hipertextual.

Com a devida formação, os jovens podem tornar-se agentes importantes “contra a desinformação”, e assim a escola contribui para combater o discurso de ódio, as mentiras e a força dos algoritmos “que buscam atingir, de forma rápida e viralizada, determinado público, escolhido por meio de análise de dados” (PRADO, 2022, p. 27). Nesse sentido, capacitar contra os meandros da desinformação contribui para garantir o direito à “ampla participação no mundo de amanhã” (MARTÍN-BARBERO, 2012, p. 51).

Ao estar diretamente ligada a sujeitos que muitas vezes se sentem desmotivados pela obrigação de fazer parte de um ecossistema que se encontra em descompasso com certos desafios contemporâneos e o âmbito da corporeidade e suas subjetividades (SIBILIA, 2012, p. 13), a escola tem o constante desafio de compreender os jovens e suas culturas dentro da dimensão temporal em que se encontram, dialogando com estes sujeitos

e revendo/rompendo antigos conceitos sobre juventude (MARGULIS & URESTI, 1996). Conceitos muitas vezes enraizados num quadro classificatório por faixa etária, repleto de ambiguidades e imprecisões.

Permeados por práticas midiáticas e inseridos numa cultura digital, em que as interações *online* fazem parte do cotidiano, os jovens também necessitam por parte do ambiente escolar ser compreendidos pela sua multiplicidade e pelas suas diferentes formas de ser, sendo que cada geração pertence a uma cultura diferente incorporando novos códigos, habilidades e linguagens (MARGULIS & URESTI, 1996). Portanto, pensar as complexas constituições e análises das culturas juvenis, perpassa por compreender as condições juvenil de produto-produtora de cenários comunicativos, sem deixar de destacar suas experiências, formas de interpretar a si e aos outros e suas representações em diferentes instâncias sociais. (AGUILERA RUIZ, 2009)

Sendo assim, se torna fundamental na era da (des)informação, compreender a vida, a realidade, os desejos e aspirações da juventude, no sentido de desenvolver políticas educacionais e mecanismos a serem utilizados em sala de aula que contemplem as realidades e sentidos deste público, auxiliá-los no processo de interpretação/análise /responsabilização na elaboração de conteúdos e na leitura crítica/analítica dos meios na sociedade na qual vivem e que querem pertencer.

Como interagentes/usuários que dominam as técnicas e as funcionalidades das ferramentas digitais, os estudantes necessitam de ajuda para organizar de forma significativa as informações que, muitas vezes, chegam fragmentadas e tendenciosas. Mergulhados no universo dos *bots*, *bits*, *bytes*, *filter bubbles*, câmeras de eco e algoritmos, os jovens precisam compreender como se dá a manipulação, o “processo de dopamina” que os faz dar um *like* em uma foto, vídeo ou mensagem ou ainda como trabalham os algoritmos na sociedade da informação.

Reflexões que perpassam ainda pela compreensão de como grupos - compostos por adultos, adolescentes e jovens das mais variadas situações econômicas e sociais – que, embora hiperconectados e tendo acesso a inúmeras ferramentas, aprendizados, contados e oportunidades infinitas de acesso a informação, fecham-se em pensamentos radicais envoltos em crenças, ideias fixas, religiões, afinidades políticas (PEROSA,

2017). Sujeitos que navegam no sentido contrário da liberdade de expressão, colocando em risco a vida de outras pessoas/grupos e atentando contra a manutenção da própria democracia.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

No âmbito da Educação e da Comunicação, a pesquisa de doutorado analisou o fenômeno da desinformação na sociedade contemporânea e as implicações de tal prática no cotidiano dos jovens, nas suas formas de consumir, compartilhar e produzir conteúdo verdadeiro/falso e no papel da escola no contexto da cultura digital. A pesquisa empírica fundamentou-se na perspectiva da mídia-educação (BUCKINGHAM, 2012, 2020), nos conceitos de desinformação (CIPOLLA-FICARRA, et.al, 2018; BRITO & PINHEIRO, 2015; TUDJMAN & MIKELIC, 2003; HELLER, 2021), nos conceitos de intermedialidade, portabilidade e transmidialidade que caracterizam a cultura digital (RIVOLTELLA & FANTIN, 2012), nos novos ambientes socioculturais e multimídias (SANTAELLA, 2003) e no quadro das competências midiáticas e digitais (DIGCOMP, 2.0, 2016)

A dimensão empírica da pesquisa colaborativa a partir de uma intervenção didática (FANTIN, 2018) previa a realização de oficinas com jovens estudantes entre 14 a 21 anos, de instituições públicas e particulares de Curitiba e Região Metropolitana, mais precisamente do município de Colombo, cidade dormitório. O tema central das oficinas foi a desinformação, sendo problematizadas questões sobre os “perigos” e implicações da desinformação, o percurso da informação e as percepções sobre informações verdadeiras/falsas.

Inicialmente a pesquisa seria feita de forma presencial no período contraturno, com a convite a participação de docentes que quisessem associar a temática pesquisada na tese com o conteúdo aplicado em sala de aula. Entretanto, em decorrência da pandemia de Covid-19 a prática foi impossibilitada, forçando a pesquisadora a encontrar alternativas. Neste sentido, os jovens participaram de encontros e atividades em formato de **oficinas online** (9 encontros 2021, com estudantes de 14 a 16 anos) pela plataforma *Zoom* e, posteriormente presencial, no ano de 2022, com estudantes entre 17 a 21 anos.

Entre os desafios estava o encontrar uma tecnologia que se adaptasse às necessidades propostas pela pesquisa e organizar, sobretudo, oficinas atrativas já que os estudantes encontravam-se esgotados por um período longo de aulas remotas e a participação na pesquisa era por adesão e voluntária. Na tentativa de contemplar diferentes aspectos das interações em contextos formativos (contextos socioculturais, especificidades dos dispositivos e artefatos da cultura digital, multiletramentos e aprendizagem significativa) a pesquisadora optou pelo uso da plataforma *Zoom Meeting* para viabilizar as oficinas.

A tecnologia foi escolhida por disponibilizar recursos diversos e apresentações interativas, tais como: compartilhamento de slides; vídeos e fotos; possibilidade de interação entre os pares através da formação de grupos de discussão via plataforma; criação de canais; cenários virtuais; possibilidade de construção de digital *storytelling*; além da gravação das oficinas.

O primeiro encontro (tanto *online* quando presencial) consistiu em realizar a aplicação de um questionário contendo perguntas buscamos identificar o perfil do grupo com pistas de algumas aproximações às competências midiáticas e digitais. Foram 25 questões elaboradas com base no Quadro Europeu de Competências Digitais, também denominado DigComp, cuja última versão é datada de 2017. Buscou-se analisar as competências de: literacia de informação e dados; comunicação e colaboração; criação de conteúdo digital; segurança; e resolução de problemas.

No decorrer dos encontros os estudantes foram convidados a discutir temáticas que envolviam a desinformação discutidos a partir de três eixos de análise: percepções sobre desinformação; apropriação dos conteúdos, sua checagem e reconhecimento; a confiabilidade e o compartilhamento de dados recebidos/produzidos pelos jovens.

Durante todo o processo os jovens estudantes analisaram fotografias e matérias publicadas na mídia tradicional e *online*; discutiram suas percepções com seus pares e com o grande grupo; anotaram as diferentes opiniões; retrataram o que aprenderam através de relatos pessoais e coletivos; verificaram como a presença nas oficinas contribuiu ou não para o entendimento sobre a desinformação e como esse conhecimento poderia ser utilizado tornando-os protagonistas e multiplicadores do saber.

Vale ressaltar que todas as atividades desenvolvidas utilizaram metodologias ativas sendo usadas as seguintes ferramentas: *Kahoot*; *Mentimeter*; *Canvas*; *Gartic Phone*; e *Jamboard*. Foi ainda traçado o perfil midiático dos participantes elaborado com questões contempladas no Quadro Europeu de Competências Digitais (DigComp).

REFLEXÕES DA PESQUISA

Embora realizado com um grupo pequeno de análise de dados (apenas quatorze participantes), alguns resultados importantes na coleta de dados podem contribuir e merecem análises para futuras pesquisas sobre a desinformação envolvendo os campos de pesquisa da Comunicação e da Educação. Destaca-se que a pesquisa não teve a pretensão de esgotar o tema ou ao menos generalizar os dados. A ideia foi colocar a temática da desinformação em pauta ouvindo e entendendo o universo dos jovens estudantes reafirmando a importância fundamental da mídia-educação na sociedade contemporânea.

O desenvolvimento de competências para o uso das tecnologias na perspectiva da mídia-educação é uma necessidade, não só para garantir o entendimento crítico das mídias, como também para assegurar a cidadania. Os desafios educativos perpassam pelas competências/habilidades que transformem a informação em conhecimento. Além disso, como apontam Moran & Masetto & Behrens (2007) e Coutinho & Lisbôa (2011), deve-se desenvolver o gosto pelo ato de aprender. Ter acesso ilimitado aos equipamentos tecnológicos e suas funcionalidades não é suficiente já que a grande riqueza estará no domínio da informação. (BUCCI, 2019/2021)

O **perfil midiático** elaborado com questões contempladas no **Quadro Europeu de Competências Digitais** (DigComp) trouxe dados interessantes. Entre eles o de que os jovens entrevistados compreendem o papel das Tecnologias da Informação e da Comunicação no mundo digital. Se mostram ainda preocupados com os impactos da desinformação e estão cientes de que informações “plantadas” via redes sociais causam impactos irreversíveis na sociedade.

Os jovens estudantes também se mostraram criteriosos em relação ao conteúdo que consomem via redes sociais reconhecendo que possuem forte domínio sobre as ferramentas tecnológicas. Entretanto, reconheceram que para navegarem com segurança

precisam de um “guia” que os dê o norte sobre os meandros da informação e que possam orientá-los de forma objetiva quando o assunto é segurança digital.

Eles também reafirmaram suas necessidades de não serem vigiados pelos adultos e que gostam e utilizam com frequências as redes para trocar informações com seus pares, conforme nos aponta Boyd (2014) ao afirmar que as redes são utilizadas como espaço de divertimento e de encontro.

Uma informação curiosa foi o recebimento de *likes* já que o conteúdo criado pelos jovens da pesquisa são muito mais voltados para a vida profissional do que para a aceitação no grupo. Entre os dados levantados também encontram-se a compreensão sobre os algoritmos e suas funcionalidades, bem como os cuidados em se manter a segurança dos dados, manejando de forma consciente suas identidades *online* e a postagem de dados pessoais.

Em relação à análise das oficinas, vários pontos merecem destaque: os jovens que participaram da pesquisa demonstraram ser criteriosos em relação ao conteúdo que consomem já que checam os dados antes de compartilhar ou curtir uma informação, independente de ser algo postado por familiares ou mesmo por colegas. Como apontado no perfil midiático, compreendem o poder dos algoritmos e, por isso, tomam cuidado com suas identidades *online* evitando, até mesmo, expor informações pessoais.

O termo “*Fake News*” também têm força entre os jovens sendo associado a “notícias falsas” o que pode confundir com o trabalho jornalístico profissional, estando associado a palavra “notícia”. Destaca-se ainda que os jovens da pesquisa curtem as publicações dos pares, mas raramente as compartilham, mesmo que essa atitude não seja vista com bons olhos pelos pares. Afinal, essa é uma fase de aceitação no grupo e uma negativa de compartilhamento pode ocasionar a falta de interesse no assunto ou tema compartilhado por seu colega.

Embora no questionário de identificação de competências midiáticas os estudantes tenham afirmado que conseguem reconhecer falsas informações, isso não se manteve durante a realização das oficinas. Na prática do *jamboard* ao serem confrontados com informações tiveram dificuldade identificar informações verdadeiras/falsas. A falta de

acertos fez com que muitos se surpreendessem com a escolha e reafirmassem que identificar a desinformação não é tão simples quanto parece.

Em relação os termos jornalísticos os estudantes ainda não reconhecem ou mesmo identificam qual o trabalho real desenvolvido pela mídia tradicional. Eles reconheceram que essa falta de conhecimento atrapalha no momento de identificar uma informação inverídica. Em relação a escola não a veem como um local que estimula a prática da reflexão sobre a desinformação, pois reafirmaram que a prática não é comum nas instituições de ensino que frequentam ou frequentaram ao longo da trajetória escolar. ,

E, finalmente, embora vivam num mundo altamente digitalizado os jovens participantes da pesquisa afirmaram que confiam mais na mídia tradicional do que no meio digital, embora outras pesquisas realizadas no Brasil e exterior, mostrem o contrário. Esse fato abre leque para outros comparativos futuros com públicos na mesma idade, mas em locais diferentes.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A pesquisa deixou explícito o desafio de análise por meio do olhar dos jovens, um movimento que raramente ocorre sobre a perspectiva deste público que muitas vezes é julgado ou ignorado pelo universo adulto. Mergulhar no universo juvenil trouxe pistas significativas no âmbito da cultura digital, como por exemplo, a percepção de que os mais jovens (14 a 16 anos) a participarem da pesquisa apresentaram uma compreensão mais nítida do ecossistema comunicacional na sociedade, mesmo que a escola deixe a temática em segundo plano.

Os jovens estudantes ainda expuseram suas preocupações em relação a proteção de dados, ao estrago causado pelos algoritmos, a necessidade de encontrar fontes fidedignas de informação e o reconhecimento de que o domínio instrumental não significa a leitura crítica dos meios em sua totalidade, sendo que um mediador se faz necessário neste processo. O grupo ainda se mostrou preocupado e atento às mensagens subliminares e o reconhecimento de estruturas e características do gênero notícia, tentando ter um olhar mais crítico e responsável sobre os conteúdos propagados pela rede, cuidados estes, muitas vezes ignorados pelos adultos.

Os encontros permitiram analisar que mesmo preocupados com a desinformação e tomando certos cuidados os jovens ainda têm dificuldade de identificar de forma assertiva o que é verdadeiro/falso; a pressão do grupo ao qual pertencem ou os sujeitos com que se relacionam, não servem de critério para dar um *like* ou mesmo compartilhar a informação recebida; os jovens se mantêm atentos a conteúdos atuais divulgados nas redes e mostram uma certa preocupação em orientar seus pares sobre a veracidade dos fatos e tomar cuidados para evitar repassar conteúdos inverídicos;

Foi possível verificar ainda que há um longo percurso até que os jovens compreendam como se dá o trabalho da mídia profissional, utilizando tais conhecimentos para leitura crítica dos meios, evitando cair nas armadilhas da desinformação; as mídias tradicionais ainda são reconhecidas pelos jovens como meios confiáveis, abrindo brechas para discussões futuras sobre essa tendência.

A pesquisa deixou evidente que ainda há um longo caminho a ser trilhado na compreensão efetiva dos jovens, as competências e seus consumos midiáticos. Mesmo que a escola tenha um papel fundamental neste processo, não cabe apenas e unicamente a ela a enorme responsabilidade. A sociedade civil, como um todo, deve disponibilizar espaços de formação e uso de tecnologias no sentido de atrair o público jovem e até adulto para discussão e formação sobre o ecossistema comunicacional e os perigos da desinformação na sociedade contemporânea.

A própria proposta de oficina se mostrou significativa. Durante o encontro houve interesse e participação dos jovens, especialmente em relação a atividades práticas e relacionada as suas próprias experiências e vivências. Jogos, uso de aplicativos para a realização de tarefas e discussões, *quizzes*; brincadeiras *online*, vídeos e fotografias se mostraram eficientes durante todo o processo.

Destaca-se ainda que investimentos em literacia midiática tornam os jovens protagonistas do saber e multiplicadores de conhecimento, uma geração capaz de enfrentar a barreiras com as audiências dentro de suas próprias casas, um público muitas vezes envolto de desinformação e preso às suas próprias crenças e convicções.

A mídia tradicional, por sua vez, também tem um papel social importante neste processo, sendo a responsável por aproximar sociedade, escola e juventude. Ao ser apontada como confiável pelo grupo da pesquisa, a mídia abre portas para formação continuada de docentes com visitas técnicas às redações, exercícios de checagem de dados, leitura crítica dos meios e formação e capacitação de jovens para que não só aprendam a manusear ferramentas, como também produzir e interpretar conteúdos.

As propostas educacionais precisam urgentemente ser revistas e estimuladas sobre a ótica e a realidade vivenciada pelos jovens estudantes, objetivando a ampliação dos repertórios culturais e midiáticos. É importante destacar que a mídia-educação no ensino, mais do que uma necessidade, é uma condição de cidadania e propostas que abordam as perspectivas mencionadas podem e devem ser incluídas na Educação Básica e nos currículos dos cursos de Pedagogia, Jornalismo, Comunicação, Publicidade e Propaganda, sem contar com todas as licenciaturas.

REFERÊNCIAS

AGUILERA RUIZ, O. (2009). **Los estudios sobre juventud en Chile**: coordenadas para un estado del arte. *Última década*, 17(31), 109-127.

BUCKINGHAM, David. (2012). **Precisamos realmente de educação para os meios?** Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/73536>. Acesso em: 10/02/2023, às 17h53.

_____. **Por uma pedagogia das mídias**. Entrevista concedida a Januária Alves. *Brasil Educação*, 22/01/2021. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2021/01/22/david-buckingham-midias/>. Acesso em: 30/01/2021, às 13h32.

BUCCI, Eugênio. **Existe democracia sem verdade factual?** Barueri/ SP: Estação das Letras e Cores, 2019.

_____. **A superindústria do imaginário**. Como o capital transformou ou olhar em trabalho e se apropriou de tudo o que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BRITO, Vladimir de Paula & PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Poder informacional e desinformação. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, v. 8, n. 2, p. 144– 164, 2015. Disponível em: <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/43734>. Acesso em: 09/07/2023.

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CIPOLLA-FICARRA, Francisco V.; CARRÉ, Jim; FICARRA, Valeria M. UNESCO, Digital Library, Interactive Design, and Communicability: An Excellent Example Online. In: **Technology-Enhanced Human Interaction in Modern Society**. IGI Global, 2018. p. 1-33.

COUTINHO, C.; LISBÔA, E. **Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem**: desafios para a educação no século XXI. Revista da Educação, XVIII, 5- 22. 2011.

FANTIN, Mônica. **Mídia-Educação no ensino e o currículo como prática cultural**. Currículo em Fronteiras, v. 12, n. 2, p. 437-452, maio/ago. 2012.

_____. **“Nativos e imigrantes digitais” em questão**: crianças e competências midiáticas na escola. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação- UFC. Ceará: volume 7, nº 1, ano 2016, pp. 5-26.

_____. **Múltiplas faces da infância na contemporaneidade**: consumos, práticas e pertencimentos na cultura digital. Revista de Educação Pública, v. 25, p. 596-617, 2016.

FERRÉS, Joan & PISCITELLI, Alejandro. **Competência midiática**: proposta articulada de dimensões e indicadores. Lumina. Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Juiz de Fora, MG: UFJF, vol. 9, nº 1, junho de 2015.

FREIRE, Paulo & GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre educação** (Diálogos – vol. 2). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

GÓMEZ, Ángel I Pérez. **Educação na era digital**. A escola educativa. Porto Alegre: Penso, 2015.

LUCAS, Margarida & MOREIRA, Antônio. **Quadro europeu de competência digital para cidadãos**. Aveiro, Portugal: UA Editora - Universidade de Aveiro, 2016.

MARGULIS, Mario e URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**". In: Margulis, M. (org.). La juventud es más que una palabra. Buenos Aires, Biblos, 1996.]

MORAN, J. M & MASETTO, M. T & BEHRENS, M. A. **Novas Tecnologias e Mediação pedagógica**. Campinas, SP: Papirus. 13º Ed. 2007.

PEROSA, Teresa. **O império da pós-verdade**. Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/mundo/noticia/2017/04/o-imperio-da-pos-verdade.html>. Acesso em: 26/08/2021, às 16h40.

PRETTO, Nelson De Luca & BONILLA, Maria Helena Silveira. **O Marco Civil da Internet -desafios para a educação**. Trabalho do GT 16 Educação e Comunicação. EPENN, 2014.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Media education**: fondamenti didattici e prospettive di ricerca. Brescia, Editrice La Scuola, 2005.

_____. (2020). **Escola deve usar a mídia para desenvolver cidadania nos alunos, sugere educador italiano**. Agência de Notícias da Indústria. Disponível em: <https://noticias.portaldaindustria.com.br/noticias/educacao/escola-deve-usar-a-midia-para-desenvolver-cidadania-nos-alunos-sugere-educador-italiano/>. Acesso em: 13/03/2023, às 9h50.

RIVOLTELLA, Pier Cesare & FANTIN, Mônica. **Cultura digital e escola**. Pesquisa e formação de professores. Campinas, SP: Papirus, 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. Revista FAMECOS, 22. Porto Alegre: 2003.

_____. **Comunicação ubíqua**. Repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

_____. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SIBILIA, Paula. **Redes ou paredes**. A escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da & DA SILVA, Tarcizio Roberto. **Controvérsias sobre danos algorítmicos**: discursos corporativos sobre discriminação codificada. Revista Observatório, Vol. 6, n. 4, Julho-Setembro. 2020.

SCOLARI, Carlos. (2019). **Transmedia Is Dead. Long Live Transmedia!** (Or Life, Passion and the Decline of a Concept). LIS. Letra. Imagen. Sonido. Ciudad Mediatizada, XI (20), 69–92.

TUFTE, Birgitte., & CHRISTENSEN, Ole. (2009). **Mídia-Educação** – entre a teoria e a prática. *Perspectiva*, 27(1), 97–118. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2009v27n1p97>.